



RELIGIÃO VIVIDA DE PESSOAS DE TERREIRO NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS¹

The lived religion of terreiro people in Brazil: methodological and epistemological considerations

Renato Carvalho de Oliveira²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

DOI: 10.29327/256659.15.3-7

RESUMO:

O tema desta pesquisa é a abordagem metodológica da religião vivida e pessoas das religiões brasileiras de matrizes africanas. A hipótese é que os estudos de religião vivida até o momento se interessaram massivamente pelas práticas religiosas do cotidiano de pessoas cristãs afiliadas e não afiliadas, bem como negligenciaram as práticas religiosas do cotidiano de pessoas comuns afiliadas às religiões de matrizes africanas. A tese é que, em países colonizados como o Brasil, estudar religião vivida das pessoas de terreiro de Candomblé, Umbanda e Quimbanda requer uma reflexão crítica sobre a opção por métodos empíricos que priorizem pesquisas colaborativas com os sujeitos de estudo e por epistemologias críticas, como a epistemologia decolonial. Desse modo, o objetivo será demonstrar que estudar religião vivida das pessoas de terreiro implica adotar métodos empíricos e epistemologia crítica. Por isso, a metodologia desta proposta consistirá em abordar criticamente algumas características do processo de consolidação da categoria de religião vivida, em seguida, apresentar alguns princípios e pressupostos metodológicos dessa abordagem teórico-metodológica que se aproximam da epistemologia decolonial.

Palavras-chave: Religião vivida; pessoas de terreiro; ciência da religião.

¹ Trabalho sob orientação de Flávio Senra, como parte integrante da pesquisa doutoral, intitulada de *Religião vivida e pessoas do Ilé Àṣṣe Danlowo: práticas religiosas no cotidiano de adeptos das religiões de Candomblé Kétu e Quimbanda*, com o apoio da Capes. O texto foi apresentado nas *XXI Jornadas de Alternativas Religiosas en América Latina*, realizadas em Montevideu, entre os dias 22 e 26 de julho de 2024, com o tema *Religión en el sur global. Aportaciones y retos desde Latinoamérica*, no GT 1 sobre *Nuevas metodologías y enfoques para el estudio de fenómenos religiosos y espirituales desde América Latina*.

² Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: renatoamdg@protonmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto³ é demonstrar que estudar práticas religiosas cotidianas de pessoas de terreiro, a partir da abordagem religião vivida, implica adotar epistemologia crítica e métodos empíricos. Por isso, abordaremos, brevemente, as características do processo de consolidação do conceito religião vivida em disciplinas pioneiras dessa abordagem – a sociologia da religião, história da religião, antropologia da religião – e, mais recentemente, o uso decolonial de religião vivida na ciência da religião, para estudar pessoas e práticas religiosas de terreiro. Em seguida, trataremos dos princípios éticos e dos pressupostos metodológicos da religião vivida que se aproximam do projeto de decolonização da disciplina no Brasil.

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO CONCEITO RELIGIÃO VIVIDA

Nos Estados Unidos, na década de 1990, a religião vivida aparece inicialmente na coletânea intitulada de *Lived Religion in America: toward a history of practice*, como um novo modo de escrever a história de pessoas religiosas estadunidenses (Hall, 1997, p. vii). O conceito religião vivida tem um processo histórico de consolidação em disciplinas que estudam religião nos Estados Unidos e em países da América Latina (México, Uruguai, Argentina e Brasil). Nesta seção, apresentaremos, brevemente, o perfil teórico dessa abordagem.

Entende-se como perfil teórico da religião vivida as estratégias teóricas que os/as autores/as da sociologia, história e antropologia adotaram desde os anos 1990, no processo de elaboração teórica da religião vivida, quais sejam: 1) problematização das dicotomias teóricas nos estudos de religião, a exemplo da classificação de religião institucional considerada superior versus a religião popular tida como inferior, proveniente dos estudos de religião popular (Hall, 1997, p. ix) e que serviu ao projeto de poder da erudição moderna de decidir que algumas práticas são religiosas e outras não (Orsi, 2010, p. xxxii); 2) estudo das práticas religiosas do cotidiano na história e na cultura, pois toda religião é

³ Trata-se de uma breve aproximação do estado da arte sobre a abordagem religião vivida, na pesquisa doutoral, a qual está em andamento e que será desenvolvida como pesquisa empírica, focada no estudo de campo, e pesquisa sistemática, centrada na teorização dos dados coletados ou das informações coletadas sobre as pessoas do terreiro Ilé Àṣẹ Danlowo.

historicamente vivida e a pessoa religiosa atua no mundo com heranças, improvisos e construções da sua cultura religiosa (Orsi, 2003, p. 172); 3) estudo para contribuir na educação do público sobre religião, já que é uma abordagem prática, com finalidade educativa, que busca fazer a crítica da história política, social e intelectual das ciências que pesquisam religião (Orsi, 2003, p. 171), retirando do anonimato tudo que foi considerado pré-moderno pela ciência moderna; 4) crítica a definições excludentes, isto é, cognitivistas de religião, que partem do princípio de que as pessoas praticam uma única religião institucional para manter a coerência com suas crenças (McGuire, 2008, p. 11-12); 5) visibilização das mulheres na pesquisa de religião, no sentido de problematizar a visão masculina de ciência nas ciências sociais da religião ainda muito apegada à noção cognitivista de ciência como estudo de opiniões, ideias teológicas e crenças (McGuire, 2016, p. 160); e 6) pesquisa pós-colonial, no sentido de se opor ao modelo de pesquisa que se orienta pela diferença hierárquica entre pesquisador/a (quem sabe e quem pode emitir juízos sobre as pessoas estudadas) e pessoa pesquisada (quem só oferece informações), ou seja, rompe com a noção de pesquisa centrada na superioridade da posse do saber acadêmico (Orsi, 1997, p. 18).

Na América Latina, a categoria religião vivida emerge no contexto em que as ciências sociais da religião estão questionando aportes e limites dos principais paradigmas hegemônicos no estudo sociológico de religião (Morello; Pereira Arena, 2022, p. 5). Esses paradigmas são os institucionalistas – a teoria da secularização e do mercado religioso –, os da individuação e desinstitucionalização, o da religiosidade popular (Morello; Pereira Arena, 2022, p. 6-11).

As pesquisas latino-americanas de religião vivida propõem uma viragem nos estudos de religião para as práticas religiosas cotidianas de pessoas comuns, para além de espaços institucionalizados, como templos físicos (Morello *et al*, 2019, p. 16). A religião vivida tem sido entendida por pesquisadores/as da sociologia da religião, ora como novo paradigma para estudar religião (Morello; Pereira Arena, 2022, p. 16), ora como enfoque, perspectiva, conceito, e, sobretudo, fenômeno – um objeto que existe e possível de ser observado como vivência religiosa de pessoas comuns (Morello *et al*, 2019, p. 16-17). O entendimento da abordagem como fenômeno fica explícita também na antropologia da religião, quando a

antropóloga Ángela Renée De la Torre defende que a religião vivida, como religião instituinte de práticas autônomas, evidencia os limites do controle das instituições religiosas, como religião instituída, que obedece à lógica racionalista e ocidental (De La Torre, 2021, p. 273).

No Brasil, a religião vivida é entendida em nossa pesquisa de doutorado com o título *Religião vivida e pessoas do Ilé Àṣẹ Danlowo: práticas religiosas no cotidiano de adeptos das religiões de Candomblé Kétu e Quimbanda*, não como fenômeno religioso que existe enquanto vivência religiosa. Em nossa compreensão, a religião vivida é entendida em um duplo sentido, isto é, como abordagem teórico-metodológica decolonial para estudar pessoas e suas práticas religiosas, com princípios éticos e pressupostos metodológicos, e, por isso, no máximo, pode ser um objeto de estudo, enquanto prática de pesquisa acadêmica, e não uma prática religiosa.

Embora o debate sobre religião vivida esteja avançado nas ciências sociais da religião, na ciência da religião, é um conceito que está sendo pensado e debatido. Assim, a pergunta é: em que a religião vivida poderia contribuir para a nossa disciplina no Brasil?

A resposta para essa pergunta varia de acordo com os objetivos de pesquisa. Por exemplo, para pesquisadores/as que buscam decolonizar a ciência, a religião vivida forneceria elementos para cientistas da religião reconhecerem que o que tem de colonialidade na disciplina interfere no seu modo de pensar e fazer ciência. A colonialidade opera na ciência da religião em elementos caros à abordagem: na definição de ciência e na conceituação de religião.

Na ciência da religião, opera uma definição universalista de ciência como explicação de fenômenos locais com teorias globais, geralmente, etnocêntricas e essencialistas. Essa visão se verifica na fenomenologia da religião que, por seu turno, entende ciência da religião como descrição sistemática do que é universal na religião, a essência do fenômeno religioso, abstraído do contexto, das coisas, do espaço, do tempo. O fenômeno universal precede as suas expressões históricas, empíricas, conforme observa Hans-Jürgen Greschat (2005). Nesse caso, os dados empíricos servem apenas para atestar a essência do fenômeno.

A colonialidade na definição de ciência se articula com a colonialidade na definição de religião. Definições universalistas de religião, isto é, etnocêntricas e essencialistas, são produzidas por um paradigma normativo de ciência.

A ciência da religião tem uma história marcada pela definição europeia de “religião como espécie”, cujas características “determinam sua essência: o que é identificado como essencial une as religiões; o que é menos importante, separa-as. Todavia, o que as separa são as peculiaridades de cada uma” (Greschat, 2005, p. 18-19). Essa visão de religião serviu de critério europeu para estudiosos de religião definirem o que é religião e o que não é religião, o que é mais e o que é menos religião. Porém, “quem concebe a religião como ‘espécie’ acaba negligenciando singularidades”, e quem define religião assim trabalha com duas categorias de religião: a europeia e a religião em si (Greschat, 2005, p. 19).

No método fenomenológico da disciplina, o lugar da religião específica é secundário, a ponto de a descrição dela servir “apenas como ilustração”, pois o mais importante é “o fenômeno em si, considerado essencial” (Greschat, 2005, p. 141). Na fenomenologia da religião clássica do holandês Gerardus van der Leeuw (1890-1950), do alemão Friedrich Heiler (1892-1967) e do sueco Geo Widengren (1907-1996), o objetivo era “reconstruir uma religião completa de tipo ideal”, mediante a “descrição das manifestações religiosas particulares” (Greschat, 2005, p. 141). Ao perseguirem a religião em si, esses autores acabaram incorrendo na visão de religião como fenômeno abstrato atemporal.

O debate epistemológico brasileiro da disciplina recomenda “cautela com as armadilhas epistemológicas herdadas pelo colonialismo e sua tendência de descrever e analisar os povos dominados em termos europeus” (Usarski, 2022, p. 781). A par dessas heranças colonialistas, etnocêntricas e essencialistas, cientistas da religião sentem necessidade de realizar um processo de decolonização desta disciplina no Brasil. Entendem que uma das condições desse projeto decolonial de ciência é fazer opções epistemológicas. Há quem proponha o uso pós-colonial do termo epistemologia na disciplina, aplicado ao estudo da religião, cujo objetivo é “contribuir com a construção de um pensamento contra-hegemônico a partir de múltiplos lugares epistêmicos subalternizados pelo poder colonial” operante na definição de ciência (Wirth, 2013, p. 139).

Há cientistas da religião que sugerem o uso decolonial do termo epistemologia, com o intuito de denunciar a colonialidade no modo de pensar e fazer ciência, mediante a “crítica ao projeto de disciplina atrelado ao modelo epistemológico ocidental como projeto colonizador” (Senra; Borges, 2020, p. 2); e apontar caminhos de superação da colonialidade

no modo de pensar e fazer ciência, fazendo opções epistemológicas concretas por estudar religiões, pessoas e práticas religiosas historicamente marginalizadas: “para o estudo de religiões marginais, faz-se necessário ‘epistemologias marginais’” (Senra; Borges, 2020, p. 2).

Como entendemos a religião vivida na ciência da religião como abordagem teórico-metodológica decolonial, sentimos a necessidade epistemológica de explicitar seus princípios éticos e pressupostos metodológicos, a partir de uma leitura cautelosa dos textos de pioneiros/as nos Estados Unidos: David Hall, Robert Orsi, Nancy Ammerman e Meredith McGuire.

PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS DA ABORDAGEM RELIGIÃO VIVIDA

Orsi aborda duas categorias de princípios éticos que regem o modo geral de proceder de quem pesquisa religião. A primeira categoria corresponde aos princípios da relação de estudiosos/as com o estudo empírico e teórico: 1) o compromisso teórico de estudar religião, desprendendo as pesquisas de uma visão solipsista dos estudos religiosos modernos (Orsi, 2012, p. 8); 2) compreender as religiões em suas coordenadas particulares e locais (Orsi, 2012, p. 11); e 3) abrir caminhos epistemológicos e metodológicos de investigação produtiva e inovadora, mantendo a integração entre estudo empírico e teorização (Orsi, 2012, p. 10).

Já a segunda categoria equivale ao princípio que preside a relação de pesquisadores/as de religião com as pessoas estudadas. Trata-se de entender o lugar ético de pesquisadores/as e das pessoas investigadas na pesquisa, que não é de sujeito e objeto, mas de interlocutores/as, que entram em relação para compreenderem a si mesmos/as, a partir, respectivamente, das suas práticas religiosas (pessoa do campo) e acadêmicas (pesquisador/a) (Orsi, 2012, p. 11).

Se os princípios éticos da religião vivida servem para reger a relação de pesquisadores/as com o estudo empírico e teórico e com pessoas estudadas, os pressupostos metodológicos são virtudes epistemológicas a serem incorporadas na conduta de quem estuda religião à luz dos princípios dessa abordagem teórico-metodológica.

Os pressupostos metodológicos da abordagem religião vivida referem-se à maneira de vivenciar a pesquisa sobre uma religião específica. São eles: 1) a pesquisa se vive como relação entre pessoas (Orsi, 2003, p. 174; Orsi, 2010, p. xlii); 2) a pesquisa se vive como retorno crítico ao que foi marginalizado na história da ciência (McGuire, 2016, p. 160); 3) a pesquisa se vive como suspeita metodológica sobre como se estuda religião (McGuire, 2008, p. 24); 4) a pesquisa se vive como estudo da religião individual, que realiza um desprendimento da coerência religiosa com o padrão de alguma religião oficial (McGuire, 2008, p. 17).

Portanto, a abordagem religião vivida se sustenta numa definição prática de ciência que: a) trabalha com a relação entre interlocutores e não com a relação hierárquica de sujeito que domina objeto; b) problematiza as certezas e retira do anonimato corpos marginais, materialidades religiosas, práticas religiosas do cotidiano; c) contesta o projeto colonial de poder da erudição moderna, que é controlar os estudos de religião pela definição do que é e não é religião; e d) busca contribuir para educar o público sobre religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos brevemente as características do processo de consolidação da religião vivida em disciplinas pioneiras e na ciência da religião, que faz um uso decolonial dessa abordagem, de posse de seus princípios éticos e pressupostos. A conclusão geral deste texto é que a abordagem religião vivida pode contribuir para o projeto de decolonização da ciência da religião em um país colonizado como o Brasil se o uso epistemológico do termo for decolonial.

O que implica algumas consequências práticas para o conceito religião vivida: a) utilizá-lo como abordagem teórico-metodológica e não como fenômeno religioso; b) fazer um giro epistemológico desse termo para a realidade religiosa do Brasil; e c) aplicá-lo ao estudo de pessoas e práticas religiosas marginais – por exemplo, afrobrasileiras e indígenas. Ademais, consequências para a própria disciplina ciência da religião: a) rever o que tem de colonialidade nas questões específicas, como definição de ciência e de religião, e nas abrangentes, como o projeto de ciência na academia brasileira e a conduta de pesquisadores/as de religião; e b) fazer opções epistemológicas concretas pelas pessoas e

suas práticas religiosas do cotidiano, principalmente, as marginais, por mais pesquisas empíricas, sobretudo, pesquisa que escute o campo, por uma teorização a partir de dados/informações coletadas do campo e não para confirmar hipóteses sobre ele, por vezes, colonialistas.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Eduardo Rodrigues. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. *In*: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 37-49.

DE LA TORRE, Ángela Renée. La religiosidad popular de América Latina: una bisagra para colocar lived religion en proyectos de descolonización. **Revista Cultura & Religion**, Santiago, v. 15, n. 1, p. 259-298, 2021.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2005.

HALL, David D. Introduction. *In*: HALL, David D. (org.). **Lived Religion in America: Toward a history of practice**. New Jersey: Princeton University Press, 1997. p. vii-xiii.

McGUIRE, Meredith B. Individual sensory experiences, socialized senses, and everyday lived religion in practice. **Social Compass**, v. 63, n. 2, p. 152–162, 2016.

McGUIRE, Meredith B. **Lived Religion: Faith and Practice in Everyday Life**. New York: Oxford University Press, 2008.

MORELLO, Gustavo *et al.* **La religión como experiencia cotidiana: creencias, prácticas y narrativas espirituales en Sudamérica**. Córdoba: EDUCC, 2019.

ORSI, Robert Anthony. Is the Study of Lived Religion Irrelevant to the World We Live in? Special Presidential Plenary Address, Society for the Scientific Study of Religion. **Journal for the Scientific Study of Religion**, New Jersey, v. 42, n. 2, p. 169–174, 2003.

ORSI, Robert Anthony (org.). **The Cambridge companion to religious studies**. New York: Cambridge University Press, 2012.

ORSI, Robert Anthony. **The Madonna of 115th: faith and community in Italian Harlem, 1880-1950**. 3.ed. New Haven: Yale University press, 2010.

ORSI, Robert Anthony. Everyday miracles: the study of lived religion. *In*: HALL, David D. (org.). **Lived Religion in America: Toward a history of practice**. New Jersey: Princeton University Press, 1997. p. 3-21.

PEREIRA ARENA, Valentina; MORELLO, Gustavo. “Entre el opio del pueblo y la búsqueda de la salvación. Aproximaciones a la religiosidad vivida desde América Latina”. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 82, p. 3-21, 2022.

SENRA, Flávio; BORGES, Ângela Cristina. Epistemologias marginais: Ciências da Religião em perspectiva descolonizadora e intercultural. **Reflexão**, Campinas, n. 45: e204909, p. 1-16, 2020.

WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. *In*: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 129-142.

USARSKI, Frank. Religião. *In*: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (orgs.). **Dicionário de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. p. 779-786.

ABSTRACT:

The subject of this research is the methodological approach to lived religion and people of Brazilian religions of African origin. The hypothesis is that studies of lived religion to date have been massively interested in the everyday religious practices of affiliated and unaffiliated Christian people, and have neglected the everyday religious practices of ordinary people affiliated with religions of African origin. The argument is that, in colonized countries like Brazil, studying the lived religion of Candomblé, Umbanda and Quimbanda people requires a critical reflection on the choice of empirical methods that prioritize collaborative research with the subjects of study and critical epistemologies, such as decolonial epistemology. In this way, the aim is to demonstrate that studying the lived religion of terreiro people implies adopting empirical methods and critical epistemology. For this reason, the methodology of this proposal will consist of critically addressing some characteristics of the process of consolidating the category of lived religion, then presenting some methodological principles and assumptions of this theoretical-methodological approach that are close to decolonial epistemology.

Keywords: Lived religion; Terreiro people; Religious studies.

Recebido em 23/10/2024.

Aprovado para publicação em 17/11/2024.